

O Livro dos Médiuns



Allan Kardec

PARTE II – CAPÍTULO XXV
Das evocações

Índice

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXV)

Assunto	Origem	Página
01. Considerações gerais	O Livro dos Médiuns	03
Considerações gerais-1	Centro Espírita Batuíra	05
Considerações gerais-2	Centro Espírita Batuíra	06
02. Espíritos que se podem evocar	O Livro dos Médiuns	07
Espíritos que podem ser evocados-1	Centro Espírita Batuíra	09
Espíritos que podem ser evocados-2	Centro Espírita Batuíra	10
03. Linguagem que se deve usar com os Espíritos	O Livro dos Médiuns	11
Como falar com os Espíritos	Centro Espírita Batuíra	12
04. Utilidade das evocações particulares	O Livro dos Médiuns	13
Utilidade da evocação de Espíritos	Centro Espírita Batuíra	14
05. Questões sobre as evocações	O Livro dos Médiuns	15
Evocação dos Espíritos	O Consolador	21
06. Evocação dos animais	O Livro dos Médiuns	24
Evocação dos animais	O Consolador	25
07. Evocação de pessoas vivas	O Livro dos Médiuns	27
Evocação de pessoas vivas	MD Estudos Espíritas	31
08. Telegrafia humana	O Livro dos Médiuns	32
O pensamento	O Consolador	33

Parte II – Das manifestações Espíritas.

Capítulo XXV – Das evocações

1. Considerações gerais

269. Os Espíritos podem comunicar-se espontaneamente, ou acudir ao nosso chamado, isto é, vir por evocação. Pensam algumas pessoas que todos devem abster-se de evocar tal ou tal Espírito e ser preferível que se espere aquele que queira comunicar-se. Fundam-se em que, chamando determinado Espírito, não podemos ter a certeza de ser ele quem se apresenta, ao passo que aquele que vem espontaneamente, de seu moto próprio, melhor prova a sua identidade, pois que manifesta assim o desejo que tem de se entreter conosco. Em nossa opinião, isso é um erro: primeiramente, porque há sempre em torno de nós Espíritos, as mais das vezes de condição inferior, que outra coisa não querem senão comunicar-se; em segundo lugar e mesmo por esta última razão, não chamar a nenhum em particular é abrir a porta a todos os que queiram entrar. Numa assembleia, não dar a palavra a ninguém é deixá-la livre a toda a gente e sabe-se o que daí resulta. A chamada direta de determinado Espírito constitui um laço entre ele e nós; chamamo-lo pelo nosso desejo e opomos assim uma espécie de barreira aos intrusos. Sem uma chamada direta, um Espírito nenhum motivo terá muitas vezes para vir confabular conosco, a menos que seja o nosso Espírito familiar.

Cada uma destas duas maneiras de operar tem suas vantagens e nenhuma desvantagem haveria, senão na exclusão absoluta de uma delas. As comunicações espontâneas, inconveniente nenhum apresentam, quando se está senhor dos Espíritos e certo de não deixar que os maus tomem a dianteira. Então, é quase sempre bom aguardar a boa vontade dos que se disponham a comunicar-se, porque nenhum constrangimento sofre o pensamento deles e dessa maneira se podem obter coisas admiráveis; entretanto, pode suceder que o Espírito por quem se chama não esteja disposto a falar, ou não seja capaz de fazê-lo no sentido desejado. O exame escrupuloso, que temos aconselhado, é, aliás, uma garantia contra as comunicações más. Nas reuniões regulares, naquelas, sobretudo, em que se faz um trabalho continuado, há sempre Espíritos habituais que a elas comparecem, sem que sejam chamados, por estarem prevenidos, em virtude mesmo da regularidade das sessões. Tomam, então, frequentemente a palavra, de modo espontâneo, para tratar de um assunto qualquer, desenvolver uma proposição ou prescrever o que se deva fazer, caso em que são facilmente reconhecíveis, quer pela forma da linguagem, que é sempre idêntica, quer pela escrita, quer por certos hábitos que lhes são peculiares.

270. Quando se deseja comunicar com determinado Espírito, é de toda necessidade evocá-lo. (Nº 203.) Se ele pode vir, a resposta é geralmente: Sim, ou Estou aqui, ou, ainda: Que quereis de mim? Às vezes, entra diretamente em matéria, respondendo de antemão às perguntas que se lhe queria dirigir.

Quando um Espírito é evocado pela primeira vez, convém designá-lo com alguma precisão. Nas perguntas que se lhe façam, devem evitar-se as fórmulas secas e imperativas, que constituiriam para ele um motivo de afastamento. As fórmulas devem ser afetuosas, ou respeitosas, conforme o Espírito, e, em todos os casos, cumpre que o evocador lhe dê prova da sua benevolência.

271. Surpreende, não raro, a prontidão com que um Espírito evocado se apresenta, mesmo da primeira vez. Dir-se-ia que estava prevenido. É, com efeito, o que se dá, quando com a sua evocação se preocupa de antemão aquele que o evoca. Essa preocupação é uma espécie de evocação antecipada e, como temos sempre conosco os nossos Espíritos familiares, que se identificam com o nosso pensamento, eles preparam o caminho de tal sorte que, se nenhum obstáculo surge, o Espírito que desejamos chamar já se acha presente ao ser evocado. Quando assim não acontece, é o Espírito familiar do médium, ou o do interrogante, ou ainda um dos que costumam frequentar as reuniões que o vai buscar, para o que não precisa de muito tempo. Se o

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXV)

Espírito evocado não pode vir de pronto, o mensageiro (os Pagãos diriam Mercúrio) marca um prazo, às vezes de cinco minutos, um quarto de hora e até muitos dias. Logo que ele chega, diz: Aqui estou. Podem então começar a ser feitas as perguntas que se lhe quer dirigir.

O mensageiro nem sempre é um intermediário indispensável, porquanto o Espírito pode ouvir diretamente o chamado do evocador, conforme ficou dito em o nº 282, pergunta 5, sobre o modo de transmissão do pensamento.

Quando dizemos que se faça a evocação em nome de Deus, queremos que a nossa recomendação seja tomada a sério e não levemente. Os que nisso vejam o emprego de uma fórmula sem consequências farão melhor abstendo-se.

272. Frequentemente, as evocações oferecem mais dificuldades aos médiuns do que os ditados espontâneos, sobretudo quando se trata de obter respostas precisas a questões circunstanciadas. Para isto, são necessários médiuns especiais, ao mesmo tempo, flexíveis e positivos e já em o nº 193 vimos que estes últimos são bastante raros, por isso que, conforme dissemos, as relações fluidicas nem sempre se estabelecem instantaneamente com o primeiro Espírito que se apresenta. Daí convir que os médiuns não se entreguem às evocações pormenorizadas, senão depois de estarem certos do desenvolvimento de suas faculdades e da natureza dos Espíritos que os assistem, visto que com os mal assistidos as evocações nenhum caráter podem ter de autenticidade.

273. Os médiuns são geralmente muito mais procurados para as evocações de interesse particular, do que para comunicações de interesse geral; isto se explica pelo desejo muito natural que todos têm de confabular com os entes que lhes são caros. Julgamos dever fazer a este propósito algumas recomendações importantes aos médiuns. Primeiramente que não cedam a esse desejo, senão com muita reserva, se se trata de pessoas de cuja sinceridade não estejam completamente seguros e que se acautelem das armadilhas que lhes possam preparar pessoas malfazejas. Em segundo lugar, que as tais evocações não se prestem, sob fundamento algum, se perceberem um fim de simples curiosidade, ou de interesse, e não uma intenção séria da parte do evocador; que se recusem a fazer qualquer pergunta ociosa, ou que sai do âmbito das que racionalmente se podem dirigir aos espíritos. As perguntas devem ser formuladas com clareza, precisão e sem idéia preconcebida, em se querendo respostas categóricas. Cumpre, pois, se repilam todas as que tenham caráter insidioso, porquanto é sabido que os Espíritos não gostam das que têm por objetivo pô-los à prova. Insistir em questões desta natureza é querer ser enganado. O evocador deve ferir franca e abertamente o ponto visado, sem subterfúgios e sem circunlóquios. Se receia explicar-se, melhor será que se abstenha.

Convém igualmente que só com muita prudência se façam evocações, na ausência das pessoas que as pediram, sendo mesmo preferível que não sejam feitas nessas condições, visto que somente aquelas pessoas se acham aptas a analisar as respostas, a julgar da identidade, a provocar esclarecimentos, se for oportuno, e a formular questões incidentes, que as circunstâncias indiquem. Além disso, a presença delas é um laço que atrai o Espírito, quase sempre pouco disposto a se comunicar com estranhos, que lhes não inspiram nenhuma simpatia. O médium, em suma, deve evitar tudo o que possa transformá-lo em agente de consultas, o que, aos olhos de muitas pessoas, é sinônimo de ledor da “buena-dicha”.

Estudo

Centro Espírita Bатуíra

I. Considerações gerais

Considerações gerais – 1

Afirma Allan Kardec que os Espíritos podem ser evocados, isto é, chamados para atender ao nosso apelo, além de comunicar-se espontaneamente. Através do estudo da mediunidade e das relações mediúnicas, compreende-se que ao evocar determinado Espírito, não se tem a certeza de que é ele próprio que está se apresentando, e o que se percebe é que há um Espírito querendo se comunicar; para identificar as condições morais do comunicante, serão necessários outros critérios.

Estamos sempre rodeados de Espíritos em conformidade com a lei de afinidade, e mesmo sem perceber estamos sempre atraindo e nos relacionando com os desencarnados, além de que ao não evocar algum, vários poderão se comunicar. O momento próprio para se evocar os Espíritos é durante uma reunião mediúnica organizada segundo todos os critérios organizados por Allan Kardec ao longo de O Livro dos Médiuns.

Afirma o Codificador que se pode evocar determinados Espíritos ou permitir a comunicação deles segundo a finalidade das reuniões organizadas, e ainda esclarece que essas duas maneiras de agir têm as suas vantagens e só haveria inconveniente na exclusão de uma delas. As comunicações espontâneas não têm nenhum inconveniente quando se mantenha o controle e se tenha a certeza de não deixar que os maus e perturbadores e aqueles que são mistificadores venham a explorar a ingenuidade e falta de estudo e de preparo dos integrantes da reunião.

Definindo-se o objetivo das reuniões, sobretudo quando se desenvolve um trabalho sequente, há sempre Espíritos que as frequentam sem que precisemos chamá-los, pela simples razão de já estarem prevenidos da regularidade das sessões. Manifestam-se quase sempre espontaneamente para tratar de algum assunto, desenvolver um tema ou dar uma orientação. Nesses casos é fácil reconhecê-los, seja pela linguagem que é sempre a mesma, seja pela escrita ou por certos hábitos peculiares.

Concluindo essas reflexões iniciais, é importante considerar que a condição moral e espiritual dos Espíritos que frequentam determinados ambientes e reuniões estará sempre de acordo com a condição moral e espiritual dos encarnados que integram esses grupos, sempre em princípios de afinidade e sintonia.

Tereza Cristina D'Alessandro
Setembro / 2017

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Médiuns, (Cap. XXV), (q. 269.)

Estudo

Centro Espírita Bатуíra

I. Considerações gerais

Considerações gerais – 2

Nas questões de 270 a 273, Allan Kardec tratou da evocação de Espíritos que naquela ocasião ofereceram material para a própria elaboração de O Livro dos Médiuns. Eram Espíritos que responderam as questões elaboradas pelo Codificador, e estavam amparados por Espíritos da equipe da Codificação.

Nas reuniões mediúnicas em que pessoas se reúnem com o propósito de estudo, esclarecimento e orientação de encarnados e desencarnados via de regra trabalha-se sem a identificação dos comunicantes, pois a finalidade é o aprendizado e socorro que essas reuniões propiciam.

A evocação é feita com a finalidade de pedir amparo à equipe espiritual, que sob a Misericórdia Divina, elabora planejamento de comunicações das quais os encarnados geralmente não tem recordação clara. É obvio que a equipe de encarnados, na maioria dos seus integrantes, participa de reunião em plano espiritual através da qual toma conhecimento dos casos que serão atendidos durante a sessão mediúnica a realizar-se em momento posterior.

Allan Kardec, conhecedor das dificuldades de identificação dos Espíritos, fez diversas recomendações importantes aos médiuns caso sejam procurados para atendimento de casos particulares, entre elas, a de não atenderem a essas solicitações, lembrando que estão subordinados a uma equipe espiritual, havendo a necessidade de se manterem vigilantes contra as armadilhas que Espíritos encarnados e desencarnados malfazejos lhes podem preparar. Resumindo, o médium deve evitar tudo o que possa transformá-lo em instrumento de consultas, o que, para muita gente equivale a ledor da sorte.

Tereza Cristina D'Alessandro
Novembro / 2017

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Médiuns, (Cap. XXV), (q. 270 a 273.)

2. Espíritos que se pode evocar

274. Todos os Espíritos, qualquer que seja o grau em que se encontrem na escala espiritual, podem ser evocados: assim os bons, como os maus, tanto os que deixaram a vida de pouco, como os que viveram nas épocas mais remotas, os que foram homens ilustres, como os mais obscuros, os nossos parentes e amigos, como os que nos são indiferentes. Isto, porém, não quer dizer que eles sempre queiram ou possam responder ao nosso chamado. Independente da própria vontade, ou da permissão, que lhes pode ser recusada por uma potência superior, é possível se achem impedidos de o fazer, por motivos que nem sempre nos é dado conhecer. Queremos dizer que não há impedimento absoluto que se oponha às comunicações, salvo o que dentro em pouco diremos. Os obstáculos capazes de impedir que um Espírito se manifeste são quase sempre individuais e derivam das circunstâncias.

275. Entre as causas que podem impedir a manifestação de um Espírito, umas lhe são pessoais e outras, estranhas. Entre as primeiras, devem colocar-se as ocupações ou as missões que esteja desempenhando e das quais não pode afastar-se, para ceder aos nossos desejos. Neste caso, sua visita apenas fica adiada.

Há também a sua própria situação. Se bem que o estado de encarnação não constitua obstáculo absoluto, pode representar um impedimento, em certas ocasiões, sobretudo quando aquela se dá nos mundos inferiores e quando o próprio Espírito está pouco desmaterializado. Nos mundos superiores, naqueles em que os laços entre o Espírito e a matéria são muito fracos, a manifestação é quase tão fácil quanto no estado errante, mais fácil, em todo caso, do que nos mundos onde a matéria corpórea é mais compacta.

As causas estranhas residem principalmente na natureza do médium, na da pessoa que evoca, no meio em que se faz a evocação, enfim, no objetivo que se tem em vista. Alguns médiuns recebem mais particularmente comunicações de seus Espíritos familiares, que podem ser mais ou menos elevados; outros se mostram aptos a servir de intermediários a todos os Espíritos, dependendo isto da simpatia ou da antipatia, da atração ou da repulsão que o Espírito pessoal do médium exerce sobre o Espírito chamado, o qual pode tomá-lo por intérprete, com prazer, ou com repugnância. Isto também depende, abstração feita das qualidades íntimas do médium, do desenvolvimento da faculdade mediúmica. Os Espíritos vêm de melhor vontade e, sobretudo, são mais explícitos com um médium que lhes não oferece nenhum obstáculo material. Aliás, em igualdade de condições morais, quanto mais facilidade tenha o médium para escrever ou para se exprimir, tanto mais se generalizam suas relações com o mundo espírita.

276. Cumpre ainda levar em conta a facilidade que deve resultar do hábito da comunicação com tal ou qual Espírito. Com o tempo, o Espírito estranho se identifica com o do médium e também com aquele que o chama. Posta de parte a questão da simpatia, entre eles se estabelecem relações fluídicas que tornam mais prontas as comunicações. Por isso é que uma primeira confabulação nem sempre é tão satisfatória quanto fora de desejar e que os próprios Espíritos pedem frequentemente que os chamem de novo. O Espírito que vem habitualmente está como em sua casa: fica familiarizado com seus ouvintes e intérpretes, fala e age livremente.

277. Em resumo, do que acabamos de dizer resulta: que a faculdade de evocar todo e qualquer Espírito não implica para este a obrigação de estar à nossa disposição; que ele pode vir em certa ocasião e não vir noutra, com um médium, ou um evocador que lhe agrade e não com outro; dizer o que quer, sem poder ser constrangido a dizer o que não queira; ir-se quando lhe aprouver; enfim, que por causas dependentes ou não da sua vontade, depois de se haver mostrado assíduo durante algum tempo, pode de repente deixar de vir.

Por todos estes motivos é que, quando se deseja chamar um Espírito que ainda não se apresentou, é necessário perguntar ao seu guia protetor se a evocação é possível; caso não o seja, ele geralmente dá as razões e então é inútil insistir.

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXV)

278. Uma questão importante se apresenta aqui, a de saber se há ou não inconveniente em evocar maus Espíritos.

Isto depende do fim que se tenha em vista e do ascendente que se possa exercer sobre eles. O inconveniente é nulo, quando são chamados com um fim sério, qual o de os instruir e melhorar; é, ao contrário, muito grande, quando chamados por mera curiosidade ou por divertimento, ou, ainda, quando quem os chama se põe na dependência deles, pedindo-lhes um serviço qualquer. Os bons Espíritos, neste caso, podem muito bem dar-lhes o poder de fazerem o que se lhes pede, o que não exclui seja severamente punido mais tarde o temerário que ousou solicitar-lhe o auxílio e supô-los mais poderosos do que Deus. Será em vão que prometa a si mesmo, quem assim proceda, fazer dali em diante bom uso do auxílio pedido e despedir o servidor, uma vez prestado o serviço. Esse mesmo serviço que se solicitou, por mínimo que seja, constitui um verdadeiro pacto firmado com o mau Espírito e este não larga facilmente a sua presa. (Veja-se o nº 212.)

279. Ninguém exerce ascendentes sobre os Espíritos inferiores, senão pela superioridade moral. Os Espíritos perversos sentem que os homens de bem os dominam. Contra quem só lhes oponha a energia da vontade, espécie de força bruta, eles lutam e muitas vezes são os mais fortes. A alguém que procurava domar um Espírito rebelde, unicamente pela ação da sua vontade, respondeu àquele: Deixa-me em paz, com teus ares de matamouros, que não vales mais do que eu; dir-se-ia um ladrão a pregar moral a outro ladrão.

Há quem se espante de que o nome de Deus, invocado contra eles, nenhum efeito produza. A razão desse fato deu no la São Luís, na resposta seguinte:

“O nome de Deus só tem influência sobre os Espíritos imperfeitos, quando proferido por quem possa, pelas suas virtudes, servir-se dele com autoridade. Pronunciado por quem nenhuma superioridade moral tenha, com relação ao Espírito, é uma palavra como qualquer outra. O mesmo se dá com as coisas santas com que se procure dominá-los. A mais terrível das armas se torna inofensiva em mãos inábeis a se servirem dela, ou incapazes de manejá-la.”

Estudo

Centro Espírita Bатуíra

II. Espíritos que se podem evocar

Espíritos que podem ser evocados – 1

No estudo das questões de 274 a 276, Allan Kardec destacou que todos os Espíritos podem ser evocados, mas isso não quer dizer que eles queiram ou possam atender aos apelos.

Entre as causas que os impedem de atender às evocações que lhes são dirigidas, há umas que estão neles mesmos e outras que são estranhas. Entre as primeiras estão suas ocupações e missões das quais não se afastam para atender nossos pedidos; só quando o desejam.

Há o caso de Espíritos encarnados que, apesar de a encarnação não ser impedimento em certas ocasiões, quando o Espírito está encarnado em mundos inferiores e traz pouco desenvolvimento espiritual, a possibilidade fica muito reduzida, diferentemente da condição de Espíritos ligados a mundos superiores. Também é possível a manifestação de Espíritos que se encontram na erraticidade — estado dos Espíritos ainda sujeitos à reencarnação.

Entre as causas estranhas estão às que dizem respeito à natureza do médium, à condição moral do evocador, ao meio em que se faz a evocação, e à finalidade da evocação.

Necessário destacar que para todas essas evocações, há que se considerar as condições técnicas de afinidade fluídica, de atração e repulsão que o médium exerce sobre o comunicante, além de seu grau de experiência mediúnica, e também de suas qualidades morais.

No aspecto da manifestação de Espíritos, a facilidade sempre decorrerá da afinidade entre o médium e o Espírito comunicante, a qual também pode formada quando determinado Espírito tem tarefa mediúnica com um médium, e o exercer da atividade constante favorece a sintonia entre ambos, como exemplo, a relação mediúnica entre Chico Xavier e o Espírito Emmanuel.

Tereza Cristina D'Alessandro
Dezembro / 2017

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Médiuns, (Cap. XXV), (q. 274 a 276.)

Espíritos que podem ser evocados – 2

Através das reflexões feitas nas questões anteriores, compreende-se que as evocações de Espíritos para serem atendidas dependem de vários fatores, como a finalidade da evocação, a condição moral do médium e do Espírito comunicante, das relações fluídicas com mais ou menos facilidades, entre outras igualmente importantes.

Resumindo, não há para os Espíritos evocados a obrigatoriedade de atenderem uma solicitação, e por isso, devemos valorizar muito a oportunidade oferecida pelas reuniões mediúnicas que têm a finalidade socorrer, esclarecer e encaminhar desencarnados e encarnados ainda desconhecedores da realidade espiritual e da finalidade suprema da Vida.

Quando Espíritos superiores planejam e permitem acontecer as sessões espíritas, das quais participam os encarnados, os propósitos são os de “materializar” para nós detalhes da vida após a morte do corpo físico, e também do plano espiritual, do qual viemos e para onde vamos após encerrar a nossa atual reencarnação.

Allan Kardec, ao desenvolver seus profundos estudos sobre a mediunidade e médiuns, apresentou a realidade de Espíritos que, criados simples e ignorantes, utilizando o livre-arbítrio ainda sem saber fazer escolhas conformes à Lei de Deus, vão criando estados de perturbação que se desenvolvem durante a reencarnação e se prolongam através da vida espiritual, até que se esclarecendo pelo esforço do crescimento, ou pelas oportunidades oferecidas pelas reuniões mediúnicas, encontram esclarecimentos caridosos que lhes trazem novamente a dignidade pessoal.

Assim, ao se evocar Espíritos, se forem maus, a proposta deve ter uma finalidade séria e instrutiva, jamais por diversão ou com a intenção de utilizá-los como escravos para realização de tarefas indignas que não realizaríamos. Alerta o Codificador, que se os Espíritos bons permitirem que eles sejam utilizados dessa forma será com a finalidade de dar uma lição à nossa imprudência que os considerou mais poderosos que Deus. Também informou que será inútil a intenção de desfazer-se deles após o serviço prestado:

“Esse mesmo serviço solicitado, por menor que seja, representa um verdadeiro pacto firmado com os Espíritos maus, e estes não largam facilmente a presa.”

O estudo nos mostra que a ascendência sobre Espíritos se dá pela superioridade moral. Os Espíritos maus e perversos reconhecem a superioridade moral dos homens de bem e só acatam alguma orientação se estiverem na presença de alguém que tenha lastro espiritual elaborado no Bem e na Caridade.

E encerramos essas reflexões transcrevendo a resposta de São Luís sobre o porquê de utilizar o nome de Deus contra Espíritos maus e perversos não produz efeitos:

“O nome de Deus só tem influência sobre os Espíritos imperfeitos na boca de quem pode usá-lo com a autoridade das suas próprias virtudes. Na boca de um homem que não tenha nenhuma superioridade moral sobre o Espírito é uma palavra como qualquer outra. Dá-se o mesmo com os objetos sagrados que lhes opõem. A arma terrível é inofensiva em mãos inábeis ou incapazes de usá-la”.

Tereza Cristina D'Alessandro
Janeiro / 2018

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Médiuns, (Cap. XXV), (q. 277 a 279.)

3. Linguagem que se deve usar com os Espíritos

280. O grau de superioridade ou inferioridade dos Espíritos indica naturalmente em que tom convém se lhes fale. É evidente que, quanto mais elevados eles sejam, tanto mais direito têm ao nosso respeito, às nossas atenções e à nossa submissão. Não lhes devemos demonstrar menos deferência do que lhes demonstraríamos, embora por outros motivos, se estivessem vivos. Na Terra, levaríamos em consideração a categoria e a posição social deles; no mundo dos Espíritos, o nosso respeito tem que ser motivado pela superioridade moral de que desfrutam. A própria elevação que possuem os coloca acima das puerilidades das nossas fórmulas bajulatórias. Não é com palavras que se lhes pode captar a benevolência, mas pela sinceridade dos sentimentos. Seria, pois, ridículo estarmos a dar-lhes os títulos que os nossos usos consagram, para distinção das categorias, e que porventura lhes lisonjeariam a vaidade, quando vivos. Se são realmente superiores, não somente nenhuma importância dão a esses títulos, como até lhes desagradam que os empreguemos. Um bom pensamento lhes é mais agradável do que os mais elogiosos epítetos; se assim não fosse, eles não estariam acima da Humanidade.

O Espírito de venerável eclesiástico, que foi na Terra um príncipe da Igreja, homem de bem, praticante da lei de Jesus, respondeu certa vez a alguém que o evocara dando-lhe o título de Monsenhor: “Deveras, ao menos, dizer: ex-Monsenhor, porquanto aqui um só Senhor há — Deus. Fica sabendo: muitos vejo, que na Terra se ajoelhavam na minha presença, diante dos quais hoje me inclino.”

Quanto aos Espíritos inferiores, o caráter que revelam nos, traça a linguagem de que devemos usar para com eles. Há os que, embora inofensivos e até delicados, são levianos, ignorantes, estouvados. Dar-lhes tratamento igual ao que dispensamos aos Espíritos sérios, como o fazem certas pessoas, o mesmo fora que nos inclinarmos diante de um colegial, ou diante de um asno que trouxesse barrete de doutor. O tom de familiaridade não seria descabido entre eles, que por isso não se formalizam; ao contrário, acolhem-no de muito boa vontade.

Entre os Espíritos inferiores, muitos há que são infelizes. Quaisquer que sejam as faltas que estejam expiando, seus sofrimentos constituem títulos tanto maiores à nossa comiseração, quanto é certo que ninguém pode lisonjear-se de lhe não caberem estas palavras do Cristo: “Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado.” A benignidade que lhe testemunhemos representa para eles um alívio. Em falta de simpatia, precisam encontrar em nós a indulgência que desejaríamos tivéssemos conosco.

Os Espíritos que revelam a sua inferioridade pelo cinismo da linguagem, pelas mentiras, pela baixeza dos sentimentos, pela perfídia dos conselhos, são, indubitavelmente, menos dignos do nosso interesse, do que aqueles cujas palavras atestam o seu arrependimento; mas, pelo menos, devemos lhes a piedade que nos inspiram os maiores criminosos e o meio de os reconduzirmos ao silêncio consiste em nos mostrarmos superiores a eles, que não confiam senão nas pessoas de quem julgam nada terem que temer, porquanto os Espíritos perversos sentem que os homens de bem, como os Espíritos elevados, são seus superiores.

Em resumo, tão irreverente seria tratarmos de igual para igual os Espíritos superiores, quanto ridículo seria dispensarmos a todos, sem, exceção, a mesma deferência. Tenhamos veneração para os que a merecem, reconhecimento para os que nos protegem e nos assistem e, para todos os, demais, a benignidade de que talvez um dia venhamos a necessitar. Penetrando no mundo incorpóreo, aprendemos a conhecê-lo e esse conhecimento nos deve guiar em nossas relações com os que o habitam. Os Antigos, na sua ignorância, levantaram-lhes altares; para nós, eles são apenas criaturas mais ou menos perfeitas, e altares só a Deus se levantam.

Como falar com os Espíritos

Allan Kardec, em todas as orientações sobre a linguagem a ser empregada nas relações com os Espíritos, destaca a necessidade de se utilizar a sinceridade. Sejam eles de condição espiritual superior, equivalente à nossa ou inferior, merecem sempre respeito e sinceridade. Se forem Espíritos superiores não aceitarão expressões bajulatórias.

Como exemplo, o Codificador citou a comunicação de um Espírito que fora um venerável sacerdote na Terra, homem de bem, praticante do ensino de Jesus, que respondeu a quem o evocava pelo título de monsenhor. “Devias pelo menos dizer ex-monsenhor, pois aqui só há um Senhor que é Deus. É bom saber que vejo aqui os que se ajoelhavam diante de mim na Terra e diante deles me inclino”.

Em relação aos Espíritos que demonstram dureza de sentimentos pelas mentiras e más intenções, ainda assim deve prevalecer em nós os sentimentos de caridade, respeito, e principalmente de piedade que nos inspiram os grandes criminosos. Também não devemos temê-los, pois os Espíritos perversos reconhecem a superioridade do homem de bem, como reconhecem a dos Espíritos superiores.

A forma de tratá-los será sempre usando o respeito e consideração, pois ao adentrarmos o mundo espiritual através do estudo, aprendemos a conhecê-lo e esse conhecimento deve regular as nossas relações com os seus habitantes.

Allan Kardec recomenda:

“Tenhamos veneração pelos que a merecem, reconhecimento pelos que nos protegem e assistem, e para todos os outros a benevolência de que talvez nós mesmos necessitemos um dia.”

“Os Antigos, na sua ignorância, levantaram altares a eles. Para nós, não passam de criaturas mais ou menos perfeitas e só elevamos altares a Deus.”

Tereza Cristina D'Alessandro
Fevereiro / 2018

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Médiuns, (Cap. XXV), (q. 280.)

4. Utilidade das evocações particulares

281. As comunicações que se obtêm dos Espíritos muito elevados, ou dos que animaram grandes personagens da antiguidade, são preciosas, pelos altos ensinamentos que encerram. Esses Espíritos conquistaram um grau de perfeição que lhes permite abranger muito mais extenso campo de idéias, penetrar mistérios que escapam ao alcance vulgar da Humanidade e, por conseguinte, iniciar-nos melhor do que outros em certas coisas. Não se segue daí sejam inúteis as comunicações dos Espíritos de ordem menos elevada. Delas muita instrução colhe o observador. Para se conhecerem os costumes de um povo, mister se faz estudá-lo em todos os graus da escala. Mal o conhece quem não o tenha visto senão por uma face. A história de um povo não é a dos seus reis, nem a das suas sumidades sociais; para julgá-lo, é preciso vê-lo na vida íntima, nos hábitos particulares.

Ora, os Espíritos superiores são as sumidades do mundo espírita; a própria elevação em que se acham os coloca de tal modo acima de nós, que nos aterra a distância a que deles estamos. Espíritos mais burgueses (que se nos relevem esta expressão) nos tornam mais palpáveis as circunstâncias da nova existência em que se encontram. Neles, a ligação entre a vida corpórea e a vida espírita é mais íntima, compreendemo-la melhor, porque ela nos toca mais de perto. Aprendendo, pelo que eles nos dizem, em que se tornaram, o que pensam e o que experimentam os homens de todas as condições e de todos os caracteres, assim os de bem como os viciosos, os grandes e os pequenos, os ditosos e os desgraçados do século, numa palavra: os que viveram entre nós, os que vimos e conhecemos, os de quem sabemos a vida real, as virtudes e os erros, bem lhes compreendemos as alegrias e os sofrimentos, a umas e outros nos associamos e destes e daquelas tiramos um ensinamento moral, tanto mais proveitoso, quanto mais estreitas forem as nossas relações com eles. Mais facilmente nos pomos no lugar daquele que foi nosso igual, do que no de outro que apenas divisamos através da miragem de uma glória celestial. Os Espíritos vulgares nos mostram a aplicação prática das grandes e sublimes verdades, cuja teoria os Espíritos superiores nos ministram. Aliás, no estudo de uma ciência, nada é inútil. Newton achou a lei das forças do Universo, no mais simples dos fenômenos.

A evocação dos Espíritos vulgares tem, além disso, a vantagem de nos pôr em contacto com Espíritos sofredores, que podemos aliviar e cujo adiantamento podemos facilitar, por meio de bons conselhos. Todos, pois, nos podemos tornar úteis, ao mesmo tempo que nos instruímos. Há egoísmo naquele que somente a sua própria satisfação procura nas manifestações dos Espíritos, e dá prova de orgulho aquele que deixa de estender a mão em socorro dos desgraçados. De que lhe serve obter delas comunicações de Espíritos de escol, se isso não o faz melhor para consigo mesmo, nem mais caridoso e benévolo para com seus irmãos deste mundo e do outro? Que seria dos pobres doentes, se os médicos se recusassem a lhes tocar as chagas?

Utilidade da evocação de Espíritos

As comunicações com os Espíritos superiores são valiosas porque sempre representam ensinamentos dos quais nos instruímos, porém, as comunicações de Espíritos de ordem menos elevada também são ricas de ensinamentos, uma vez que ainda apresentam características muito próximas às nossas, evidenciando uma realidade espiritual que pode ser a que nos aguarda no mundo espiritual.

Relembrando que se as reuniões mediúnicas de socorro espiritual têm por finalidade acolher e esclarecer Espíritos em sofrimento, também podem os encarnados que delas participam, no contato com a dor alheia, identificar condições morais semelhantes às suas e deduzir quais as condições que os aguardam no mundo espiritual após o desencarne.

Através desses contatos, devido à semelhança moral entre homens e Espíritos, pode-se aprender com esses o processo de transformação, como pensam e o que experimentam os homens de todas as condições e de todos os caracteres, os homens de bem e os viciosos, os felizes e os infelizes, e dessas experiências tirarmos o ensino moral.

Considerando a semelhança espiritual entre encarnados e desencarnados, afirma Allan Kardec que "(...) é mais fácil nos colocarmos no lugar daquele que foi nosso igual, do que de outro que apenas vemos através da miragem de uma glória celestial. Os Espíritos vulgares nos mostram o resultado prático das grandes e sublimes verdades de que os Espíritos superiores nos dão as teorias."

A evocação de Espíritos em reuniões organizadas segundo os parâmetros estabelecidos em O Livro dos Médiuns nos coloca em relação com os sofredores, aos quais podemos aliviar os sofrimentos e auxiliá-los através de esclarecimentos generosos, oferecendo-lhes a esperança de melhoria ainda na vida espiritual, tornando-nos úteis ao mesmo tempo em que nos instruímos.

E concluímos nossas reflexões com as palavras do Prof. Herculano Pires, tradutor da edição aqui utilizada:

"(...) Os Espíritos não são apenas objetos de curiosidade ou de estudo, mas irmão em humanidade aos quais podemos ajudar, ao mesmo tempo em que nos ajudamos com as lições do seu exemplo. Espíritos e encarnados se conjugam na batalha consciente do aperfeiçoamento humano."

Tereza Cristina D'Alessandro

Março / 2018

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Médiuns, (Cap. XXV), (q. 281.)

5. Questões sobre as evocações

1ª Pode alguém, sem ser médium, evocar os Espíritos?

“Toda gente pode evocar os Espíritos e, se aqueles que evocares não puderem manifestar-se materialmente, nem por isso deixarão de estar junto de ti e de te escutar.”

2ª O Espírito evocado atende sempre ao chamado que se lhe dirige?

“Isso depende das condições em que se encontre, porquanto há circunstâncias em que não o pode fazer.”

3ª Quais as causas que podem impedir atenda um Espírito ao nosso chamado?

“Em primeiro lugar, a sua própria vontade; depois, o seu estado corporal, se se acha encarnado, as missões de que esteja encarregado, ou ainda o lhe ser, para isso, negada permissão.

“Há Espíritos que nunca podem comunicar-se: os que, por sua natureza, ainda pertencem a mundos inferiores à Terra. Tão pouco o podem os que se acham nas esferas de punição, a menos que especial permissão lhes seja dada, com um fim de utilidade geral. Para que um Espírito possa comunicar-se, preciso é tenha alcançado o grau de adiantamento do mundo onde o chamam, pois, do contrário, estranho que ele é às idéias desse mundo, nenhum ponto de comparação terá para se exprimir. O mesmo já não se dá com os que estão em missão, ou em expiação, nos mundos inferiores. Esses têm as idéias necessárias para responder ao chamado.”

4ª Por que motivo pode a um Espírito ser negada permissão para se comunicar?

“Pode ser uma prova, ou uma punição, para ele, ou para aquele que o chama.”

5ª Como podem os Espíritos, dispersos pelo espaço ou pelos diferentes mundos, ouvir as evocações que lhes são dirigidas de todos os pontos do Universo?

“Muitas vezes são prevenidos pelos Espíritos familiares que vos cercam e que os vão procurar. Porém, aqui se passa um fenômeno difícil de vos ser explicado porque ainda não podeis compreender o modo de transmissão do pensamento entre os Espíritos. O que te posso afirmar é que o Espírito evocado, por muito afastado que esteja, recebe, por assim dizer, o choque do pensamento como uma espécie de comoção elétrica que lhe chama a atenção para o lado de onde vem o pensamento que o atinge. Pode dizer-se que ele ouve o pensamento, como na Terra ouves a voz.”

a) Será o fluido universal o veículo do pensamento, como o ar o é do som?

“Sim, com a diferença de que o som não pode fazer-se ouvir senão dentro de um espaço muito limitado, enquanto que o pensamento alcança o infinito. O Espírito, no Além, é como o viajante que, em meio de vasta planície, ouvindo pronunciar o seu nome, se dirige para o lado de onde o chamam.”

6ª Sabemos que as distâncias nada são para os Espíritos; contudo, causa espanto ver que respondem tão prontamente ao chamado, como se estivessem muito perto.

“É que, com efeito, às vezes, o estão. Se a evocação é premeditada, o Espírito se acha de antemão prevenido e frequentemente se encontra no lugar onde o vão evocar, antes que o chamem.”

7ª Dar-se-á que o pensamento do evocador seja mais ou menos facilmente percebido, conforme as circunstâncias?

“Sem dúvida alguma. O Espírito é mais vivamente atingido, quando chamado por um sentimento de simpatia e de bondade. É como uma voz amiga que ele reconhece. A não se dar isso, acontece com freqüência que a evocação nenhum efeito produz. O pensamento que se desprende da evocação toca o Espírito; se é mal dirigido, perde-se no vácuo. Dá-se com os Espíritos o que se dá com os homens; se aquele que os chama lhes é indiferente ou antipático, podem ouvi-lo, porém, as mais das vezes, não o atendem.”

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXV)

8ª O Espírito evocado vem espontaneamente, ou constrangido?

“Obedece à vontade de Deus, isto é, à lei geral que rege o Universo. Todavia, a palavra constrangido não se ajusta ao caso, porquanto o Espírito julga da utilidade de vir, ou deixar de vir. Ainda aí exerce o livre-arbítrio. O Espírito superior vem sempre que chamado com um fim útil; não se nega a responder, senão a pessoas pouco sérias e que tratam destas coisas por divertimento.”

9ª Pode o Espírito evocado negar-se a atender ao chamado que lhe é dirigido?

“Perfeitamente; onde estaria o seu livre-arbítrio, se assim não fosse? Pensais que todos os seres do Universo estão às vossas ordens? Vós mesmos vos considerais obrigados a responder a todos os que vos pronunciam os nomes? Quando digo que o Espírito pode recusar-se, refiro-me ao pedido do evocador, visto que um Espírito inferior pode ser constrangido a vir, por um Espírito superior.”

10ª Haverá, para o evocador, meio de constranger um Espírito a vir, a seu mau grado?

“Nenhum, desde que o Espírito lhe seja igual, ou superior, em moralidade. Digo — em moralidade e não em inteligência, porque, então, nenhuma autoridade tem o evocador sobre ele. Se lhe é inferior, o evocador pode consegui-lo, desde que seja para bem do Espírito, porque, nesse caso, outros Espíritos o secundarão.” (Nº 279.)

11ª Haverá inconveniente em se evocarem Espíritos inferiores e será de temer que, chamando-os, o evocador lhes fique sob o domínio?

“Eles não dominam senão os que se deixam dominar. Aquele que é assistido por bons Espíritos nada tem que temer. Impõe-se aos Espíritos inferiores e não estes a ele. Isolados, os médiuns, sobretudo os que começam, devem abster-se de tais evocações. (Nº 278.)

12ª Serão necessárias algumas disposições especiais para as evocações?

“A mais essencial de todas as disposições é o recolhimento, quando se deseja entrar em comunicação com Espíritos sérios. Com fé e com o desejo do bem, tem-se mais força para evocar os Espíritos superiores. Elevando sua alma, por alguns instantes de recolhimento, quando da evocação, o evocador se identifica com os bons Espíritos e os dispõe a virem.”

13ª Para as evocações, é preciso fé?

“A fé em Deus, sim; para o mais, a fé virá, se desejardes o bem e tiverdes o propósito de instruir-vos.”

14ª Reunidos em comunhão de pensamentos e de intenções, dispõem os homens de mais poder para evocar os Espíritos?

“Quando todos estão reunidos pela caridade e para o bem, grandes coisas alcançam. Nada mais prejudicial ao resultado das evocações do que a divergência de idéias.”

15ª Será conveniente a precaução de se formar cadeia, dando-se todos as mãos, alguns minutos antes de começar a reunião?

“A cadeia é um meio material, que não estabelece entre vós a união, se esta não existe nos pensamentos; mais conveniente do que isso é unirem-se todos por um pensamento comum, chamando cada um, de seu lado, os bons Espíritos. Não imaginai o que se pode obter numa reunião séria, de onde se haja banido todo sentimento de orgulho e de personalismo e onde reine perfeito o de mútua cordialidade.”

16ª São preferíveis as evocações em dias e horas determinados?

“Sim e, se for possível, no mesmo lugar: os Espíritos aí acorrem com mais satisfação. O desejo constante que tendes é que auxilia os Espíritos a se porem em comunicação convosco. Eles têm ocupações, que não podem deixar de improvisar, para satisfação vossa pessoal. Digo — no mesmo lugar, mas não julgueis que isso deva constituir uma obrigação absoluta, porquanto os

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXV)

Espíritos vão a toda parte. Quero dizer que um lugar consagrado às reuniões é preferível, porque o recolhimento se faz mais perfeito.”

17ª Certos objetos, como medalhas e talismãs, têm a propriedade de atrair ou repelir os Espíritos conforme pretendem alguns?

“Esta pergunta era escusada, porquanto bem sabes que a matéria nenhuma ação exerce sobre os Espíritos. Fica bem certo de que nunca um bom Espírito aconselhará semelhantes absurdidades. A virtude dos talismãs, de qualquer natureza que sejam, jamais existiu, senão, na imaginação das pessoas crédulas.”

18ª Que se deve pensar dos Espíritos que marcam encontros em lugares lúgubres e a horas indevidas?

“Esses Espíritos se divertem à custa dos que lhes dão ouvidos. É sempre inútil e não raro perigoso ceder a tais sugestões: inútil, porque nada absolutamente se ganha em ser mistificado; perigoso, não pelo mal que possam fazer os Espíritos, mas pela influência que isso pode ter sobre cérebros fracos.”

19ª Haverá dias e horas mais propícias para as evocações?

“Para os Espíritos, isso é completamente indiferente, como tudo o que é material, e fora superstição acreditar-se na influência dos dias e das horas. Os momentos mais propícios são aqueles em que o evocador possa estar menos distraído pelas suas ocupações habituais, em que se ache mais calmo de corpo e de espírito.”

20ª Para os Espíritos, a evocação é coisa agradável ou penosa?

Eles vêm de boa vontade, quando chamados? “Isso depende do caráter deles e do motivo com que são chamados. Quando é louvável o objetivo e quando o meio lhes é simpático, a evocação constitui para eles coisa agradável e mesmo atraente; os Espíritos se sentem sempre ditosos com a afeição que se lhes demonstre. Alguns há para os quais representa grande felicidade se comunicarem com os homens e que sofrem com o abandono em que são deixados. Mas, como já disse, isto igualmente depende dos caracteres deles. Entre os Espíritos, também há misantropos, que não gostam de ser incomodados e cujas respostas se ressentem do mau humor em que vivem, sobretudo quando chamados por pessoas que lhes são indiferentes, pelas quais não se interessam. Um Espírito nenhum motivo tem, muitas vezes, para atender ao chamado de um desconhecido, que lhe é indiferente e que quase sempre tem a inspirá-lo a curiosidade. Se vem, suas aparições, em geral, são curtas, a menos que a evocação vise a um fim sério e instrutivo.”

Nota. Há pessoas que só evocam seus parentes para lhes perguntar as coisas mais vulgares da vida material, por exemplo: um, para saber se alugará ou venderá sua casa; outro, para saber que lucro tirará da sua mercadoria, o lugar em que há dinheiro escondido, se tal negócio será ou não vantajoso. Nossos parentes de além-túmulo por nós só se interessam em virtude da afeição que lhes consagramos. Se os nossos pensamentos, com relação a eles, se limitam a supô-los feiticeiros, se neles só pensamos para lhes pedir informações, é claro que não nos podem ter grande simpatia e ninguém deve surpreender-se com a pouca benevolência que lhes demonstrem.

21ª Alguma diferença há entre os bons e os maus Espíritos, pelo que toca à solicitude com que atendam ao nosso chamado?

“Uma bem grande há: os maus Espíritos não vêm de boa vontade, senão quando contam dominar e enganar; experimentam viva contrariedade, quando forçados a vir, para confessarem suas faltas, e outra coisa não procuram senão ir-se embora, como um colegial a quem se chama para repreendê-lo. Podem a isso ser constrangidos por Espíritos superiores, como castigo e para instrução dos encarnados. A evocação é penosa para os bons Espíritos, quando são chamados inutilmente, para futilidades. Então, ou não vêm, ou se retiram logo.

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXV)

“Podeis dizer que, em princípio, os Espíritos, quaisquer que eles sejam, não gostam, exatamente como vós, de servir de distração a curiosos. Frequentemente, outro fim não tendes, evocando um Espírito, senão ver o que ele vos dirá ou interrogá-lo sobre particularidades de sua vida, que ele não deseja dar-vos a conhecer, porque nenhum motivo tem para vos fazer confidências. Julgais que ele se vá colocar na berlinda, somente para vos dar prazer? Desenganai-vos; o que ele não faria em vida não fará tampouco como Espírito.”

Nota. A experiência, com efeito, prova que a evocação é sempre agradável aos Espíritos, quando feita com fim sério e útil. Os bons vêm prazerosamente instruir-nos; os que sofrem encontram alívio na simpatia que se lhes demonstra; os que conhecemos ficam satisfeitos com o se saberem lembrados, os levianos gostam de ser evocados pelas pessoas frívolas, porque isso lhes proporciona ensejo de se divertirem à custa delas; sentem-se pouco à vontade com pessoas graves.

22ª Para se manifestarem, têm sempre os Espíritos necessidade de ser evocados?

“Não; muito frequentemente, eles se apresentam sem serem chamados, o que prova que vêm de boa vontade.”

23ª Quando um Espírito se apresenta por si mesmo, pode-se estar certo da sua identidade?

“De maneira alguma, porquanto os Espíritos enganadores empregam amiúde esse meio, para melhor mistificarem.”

24ª Quando se evoca pelo pensamento o Espírito de uma pessoa, esse Espírito vem, ainda mesmo que não haja manifestação pela escrita, ou de outro modo?

“A escrita é um meio material, para o Espírito, de atestar a sua presença, mas o pensamento é que o atrai e não o fato da escrita.”

25ª Quando se manifeste um Espírito inferior, poder-se-á obrigá-lo a retirar-se?

“Sim, não se lhe dando atenção. Mas, como quereis que se retire, quando vos divertis com as torpezas? Os Espíritos inferiores se ligam aos que os escutam com complacência, como os tolos entre vós.”

26ª A evocação feita em nome de Deus é uma garantia contra a imiscuência dos maus Espíritos?

“O nome de Deus não constitui freio para todos os Espíritos, mas contém muitos deles; por esse meio, sempre afastareis alguns e muitos mais afastareis, se ela for feita do fundo do coração e não como fórmula banal.”

27ª Poder-se-á evocar nominativamente muitos Espíritos ao mesmo tempo?

“Não há nisso dificuldade alguma e, se tivésseis três ou quatro mãos para escrever, três ou quatro Espíritos vos responderiam ao mesmo tempo; é o que ocorre se se dispõe de muitos médiuns.”

28ª Quando muitos Espíritos são evocados simultaneamente, não havendo mais de um médium, qual o que responde?

“Um deles responde por todos e exprime o pensamento coletivo.”

29ª Poderia o mesmo Espírito comunicar-se, simultaneamente, durante uma sessão, por dois médiuns diferentes?

“Tão facilmente quanto, entre vós, os que ditam várias cartas ao mesmo tempo.”

Nota. Vimos um Espírito responder, servindo-se de dois médiuns ao mesmo tempo, às perguntas que lhe eram dirigidas, por um em francês, por outro em inglês, sendo idênticas as respostas quanto ao sentido; algumas até eram a tradução literal de outras. Dois Espíritos, evocados simultaneamente por dois médiuns, podem travar entre si uma conversação. Sem que este modo de comunicação lhes seja necessário, pois que reciprocamente um lê os pensamentos do outro,

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXV)

eles se prestam a isso, algumas vezes, para nossa instrução. Se são Espíritos inferiores, como ainda estão imbuídos das paixões terrenas e das idéias corpóreas, pode acontecer que disputem e se apostrofem com palavras pesadas, que se reprochem mutuamente os erros e até que atirem os lápis, as cestas, as pranchetas, etc., um contra o outro.

30ª Pode o Espírito, simultaneamente evocado em muitos pontos, responder ao mesmo tempo às perguntas que lhe são dirigidas?

“Pode, se for um Espírito elevado.”

a) Nesse caso, o Espírito se divide ou tem o dom da ubiquidade?

“O Sol é um só e, no entanto, irradia ao seu redor, levando longe seus raios, sem se dividir. Do mesmo modo, os Espíritos. O pensamento do Espírito é como uma centelha que projeta longe a sua claridade e pode ser vista de todos os pontos do horizonte. Quanto mais puro é o Espírito tanto mais o seu pensamento se irradia e se estende, como a luz. Os Espíritos inferiores são muito materiais; não podem responder senão a uma única pessoa de cada vez, nem vir a um lugar, se são chamados em outro.

“Um Espírito superior, chamado ao mesmo tempo em pontos diferentes, responderá a ambas as evocações, se forem ambas sérias e fervorosas. No caso contrário, dá preferência a mais séria.”

Nota. É o que sucede com um homem que, sem mudar de lugar, pode transmitir seu pensamento por meio de sinais perceptíveis de diferentes lados.

Numa sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, em a qual fora discutida a questão da ubiquidade, um Espírito ditou espontaneamente a comunicação seguinte:

“Inquiríeis esta noite qual a hierarquia dos Espíritos, no tocante à ubiquidade. Comparai-vos a um aeróstato que se eleva pouco a pouco nos ares. Enquanto ele rasteja na terra, só os que estão dentro de um pequeno círculo o podem perceber; à medida que se eleva, o círculo se lhe alarga e, em chegando a certa altura, se torna visível a uma infinidade de pessoas. É o que se dá conosco; um mau Espírito, que ainda se acha preso à Terra, permanece num círculo restrito, entre as pessoas que o vêem. Suba ele na graça, melhore-se e poderá conversar com muitas pessoas. Quando se haja tornado Espírito superior, pode irradiar como a luz do Sol, mostrar-se a muitas pessoas e em muitos lugares ao mesmo tempo.” — CHANNING.

31ª Podem ser evocados os puros Espíritos, os que não terminaram a série de suas encarnações?

“Podem, mas muito raramente atenderão. Eles só se comunicam com os de coração puro e sincero e não com os orgulhosos e egoístas. Por isso mesmo, é preciso desconfiar dos Espíritos inferiores que alardeiam essa qualidade, para se darem importância aos vossos olhos.”

32ª Como é que os Espíritos dos homens mais ilustres acodem tão facilmente e tão familiarmente ao chamado dos homens mais obscuros?

“Os homens julgam por si os Espíritos, o que é um erro. Após a morte do corpo, as categorias terrenas deixam de existir. Só a bondade estabelece distinção entre eles e os que são bons vão a toda parte onde haja um bem a fazer-se.”

33ª Quanto tempo deve decorrer, depois da morte, para que se possa evocar um Espírito?

“Podeis fazê-lo no instante mesmo da morte; mas, como nesse momento o Espírito ainda está em perturbação, só muito imperfeitamente responde,”

Nota. Sendo variável o tempo que dura a perturbação, não pode haver prazo fixo para fazer-se a evocação. Entretanto, é raro que, ao cabo de oito dias, o Espírito já não tenha conhecimento do seu estado, para poder responder. Algumas vezes, isso lhe é possível dois ou três dias depois da morte. Em todos os casos se pode experimentar com prudência.

34ª A evocação, no momento da morte, é mais penosa para o Espírito do que algum tempo depois?

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXV)

“Algumas vezes. É como se vos arrancassem ao sono, antes que estivésseis completamente acordados. Alguns há, todavia, que de nenhum modo se contrariam com isso e aos quais a evocação até ajuda a sair da perturbação.”

35ª Como pode o Espírito de uma criança, que morreu em tenra idade, responder com conhecimento de causa, se, quando viva, ainda não tinha consciência de si mesma?

“A alma da criança é um Espírito ainda envolto nas faixas da matéria; porém, desprendido desta, goza de suas faculdades de Espírito, porquanto os Espíritos não têm idade, o que prova que o da criança já viveu. Entretanto, até que se ache completamente, desligado da matéria, pode conservar, na linguagem, traços do caráter da criança.”

Nota. A influência corpórea, que se faz sentir, por mais ou menos tempo, sobre o Espírito da criança, igualmente é notada, às vezes, no Espírito dos que morreram em estado de loucura. O Espírito, em si mesmo, não é louco; sabe-se, porém, que certos Espíritos julgam, durante algum tempo, que ainda pertencem a este mundo. Não é, pois, de admirar que, no louco, o Espírito ainda se ressinta dos entraves que, durante a vida, se opunham à livre manifestação de seus pensamentos, até que se encontre completamente, desprendido da matéria. Este efeito varia, conforme as causas da loucura, porquanto há loucos que, logo depois da morte, recobram toda a sua lucidez.

Crônicas e Artigos

382 – 28/09/2014

O Consolador – (Eurípedes Kuhl)

V. Questões sobre as evocações

Evocação de Espíritos

Conceituação – Vê-se no dicionário que “Evocação” = ato de evocar (chamar, mandar vir, trazer à lembrança, reproduzir na imaginação; pop.: “evocar o passado”, “evocar Espíritos” etc.).

A evocação de Espíritos é uma constante na história, na teoria e na prática das religiões
– todas as religiões!

— Como o Espiritismo trata desse assunto?

Na verdade, toda vez que alguém pensa num Espírito, já o está evocando; isso nos coloca na condição de evocadores, sempre que oramos. Vejamos, porém, o que nos diz o Espiritismo sobre as evocações de determinados Espíritos.

Kardec discorre com detalhes como, quando, por quem e para que devem ser evocados Espíritos. Em síntese, leciona o mestre lionês:

- evocações exigem fé em Deus, apelo aos bons Espíritos e sintonia espiritual de todos os membros do grupo;
- data, horário e local, previamente fixados, são preferíveis, mas não indispensáveis;
- a vinda de qualquer Espírito evocado obedece sempre à vontade de Deus, isto é, da lei geral que rege o Universo;
- os Espíritos podem se comunicar espontaneamente ou atendendo a um chamado, isto é, pela evocação; em ambos os casos, prevalece a vontade deles;
- evocações bem-sucedidas exigem médiuns flexíveis, seguros, raros;
- evocações de caráter individual (geralmente familiares ou amigos): as reuniões devem ser compostas por pessoas afins;
- jamais deverão ser dirigidas perguntas levianas, ou por curiosidade, ou, mais graves ainda, por interesses materiais;
- impedimentos gerais para atendimento:

- Protetores espirituais julgarem inoportuno;
- Vontade do evocado (falta de vontade, ser contrário a atender);
- Evocado situado em esfera de punição;
- Evocado em missão da qual não possa se afastar;
- Falta de sintonia com o(s) médium(s);
- Prova ou punição, para o evocado ou para o evocador;
- Condição da pessoa que evoca;
- Local onde é feita a evocação.

Prosseguindo as instruções, recomenda Kardec:

A. evocações particulares devem ser evitadas, tanto pelos médiuns mais experientes quanto pelos iniciantes, pois há sempre o risco de uma mistificação, podendo, nesse caso, o processo evoluir para a obsessão;

B. a ausência do evocado nem sempre representa não atendimento: em muitos casos ele ali está, ou presente, ou sintonizado pelo pensamento;

C. evocações no instante da morte são geralmente penosas, face à perturbação que se lhe segue; contudo, decorridos em média oito dias, o Espírito talvez já possa responder; nesses casos, há que haver sempre muita cautela;

D. mitos, personagens alegóricos, animais e até rochedos podem responder a evocações: é que há sempre uma multidão de Espíritos prontos para tomarem a palavra para tudo...;

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXV)

E. pessoas vivas podem ser evocadas (a questão 284 contém 20 perguntas e respostas, comentadas);

F. só se deve evocar maus Espíritos se for para instruí-los e melhorá-los (é o que ocorre, de forma indireta, nas reuniões de desobsessão).

Evocação direta – Pode-se evocar Espíritos? Podem ser dispensadas as evocações?

— Penso que, contemplados com a Bondade Maior, chegamos ao ponto em que as evocações de Espíritos verdadeiramente já não mais são necessárias. Aliás, com o progresso espiritual do homem, cada dia mais ele se aproxima dos Espíritos, eis que sua alma rompe as cortinas pesadas da matéria e aumenta sua percepção extrassensorial.

A essa mesma pergunta responde Divaldo Franco, em “Viagens e Entrevistas”, LEAL, Salvador/BA, 1977, p. 68:

“Normalmente, os espíritos médiuns não evocam os Espíritos. No entanto, quando concentramos em determinada Entidade que nos é querida ou familiar, produzimos uma sintonia, e mesmo que o Espírito não possa vir ter conosco, pode entrar em contato, respondendo-nos a distância.”

Evocação indireta – Os médiuns sinceros, dedicados e caridosos, que atualmente reúnem-se em grupo, colocando-se à disposição do Plano Espiritual para os labores mediúnicos, de forma consciente ou inconsciente estão evocando Espíritos (desencarnados), objetivando ampará-los com fraternidade e esclarecimentos evangélicos, pacificando-os.

Já os médiuns nas lides psicográficas, igualmente estão a evocar os autores espirituais que, quando elevados, ditam-lhes as joias doutrinárias que constituem o abençoado acervo da literatura espírita.

Numa ou outra atividade mediúnica, o certo é que ocorre a evocação indireta e que os médiuns se desdobram por multiplicadas horas, dias, meses e anos.

Moisés e as evocações dos mortos – Partiu de Moisés a proibição de se evocar mortos, sob pena de morte, como se vê em:

A. “Levítico”, Cap. XIX, v. 31 e Cap. XX, v. 27

B. “Deuteronômio”, Cap. XVIII, v. 10, 11, 12?

Obs.: A simples proibição mosaica da evocação dos mortos é prova incontestável de que isso era possível, como realmente o é; quanto à manifestação dos Espíritos, se os maus (mistificadores) podem fazê-lo, obviamente, e com mais razão até, também os bons. Aliás, não foi exatamente isso o que aconteceu com o próprio Moisés?

Tal proibição visava erradicar dos hebreus recém-libertos do Egito, os costumes de lá trazidos, dentre eles as evocações, tão rotineiras quanto abusivas. Tais práticas, na maioria interesseiras (com fins de adivinhação, fazendo-se delas um comércio), associavam-se a reuniões mágicas e supersticiosas, e, em alguns casos, eram acompanhadas de sacrifícios humanos.

Razão de sobra teve Moisés para proibi-las, posto que “abomináveis por Deus”. De forma clandestina ou disfarçada, porém, subsistiram até a Idade Média (mesmo em nossos dias, ainda ocorrem).

Sobre evocações frívolas relembre-se que Kardec consignou, e a razão desemboca nessa certeza, às evocações para tratar de assuntos materiais, ou de interesses rasteiros, só atenderão Espíritos imperfeitos, quase sempre com motivações zombeteiras.

Assim, é de todo desaconselhável evocar Espíritos objetivando respostas para questões de ordem material, ou a título de provocar fenômenos, ou por curiosidade, ou, mais grave, por quaisquer interesses que não se enquadrem num sentimento de pureza d'alma.

Infelizmente é o que ocorre na maioria dos casos de evocações.

Identificação de Espíritos – Tratando de evocações – diretas ou indiretas – como ter certeza de que o Espírito comunicante é o evocado?

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXV)

Novamente Kardec!

Nas questões 255 a 268, Cap. XXIV, de “O Livro dos Médiuns”, há o estudo de tão difícil problema, qual seja o da identificação do Espírito comunicante. Eventuais evocadores – todos os médiuns (principalmente os esclarecedores) e espíritas em geral – encontrarão ali os indicadores fiéis para se distinguir os Espíritos bons dos maus.

Só a questão 267, por exemplo, apresenta, em resumo, vinte e seis princípios para se reconhecer a qualidade de um Espírito! Mais adiante, na questão 268, são analisadas outras vinte e oito(!) formas pelas quais podem ser estabelecidas a natureza e a identidade dos Espíritos.

Realmente: esse estudo é indispensável.

Evocações de Espíritos feitas por Kardec – Kardec, como mensageiro do Cristo, utilizou, sob delegação do Mestre, o exercício científico das evocações espirituais, cujas técnicas repassou aos contemporâneos. Demonstrava assim, de sobejo, que nada havia de sobrenatural nelas, sendo, aliás, muito proveitosas.

Realizou várias evocações de Espíritos, como se observa em “O Céu e o Inferno”, 2ª Parte, investigando objetivamente a situação de muitos Espíritos. Evocando-os, entrevistou um a um, pesquisando demoradamente seus depoimentos e revelações. Não evocou personalidades ilustres do passado, mas tão somente pessoas desencarnadas “nas circunstâncias mais comuns da vida contemporânea”.

De posse desse vasto quanto insólito material, Kardec analisou seu conteúdo, onde sobressaíam as penas e recompensas futuras, como resultantes naturais do comportamento humano na Terra. Então, classificou psiquicamente não só tipos de Espíritos (desencarnados e encarnados), formando uma verdadeira escala espírita, moral.

Qual “grande mestre”, não enxadrista, mas missionário, o Codificador do Espiritismo posicionou as peças (suas pesquisas) no grande tabuleiro (cenário religioso mundial de então), consignando com bom senso, um verdadeiro xeque-mate (iluminação espiritual) nas obscuras teorias filosóficas do Inferno, do Purgatório e até mesmo do Céu.

Fato natural foi de a Humanidade chegar à metade do Séc. XIX qual nave sem rumo, como sobrevivente de inúmeras tempestades: as algemas mentais da Inquisição (séc. XII ao XVIII); os inesperados revezes e contragolpes da Revolução Francesa (1.789); navegação moral lenta, apenas nas margens e na superfície da Razão, a bordo do “Iluminismo” (Século XIX – o “Século das Luzes”).

Nesse preciso cenário e nesse tempo o mundo recebeu do Plano Espiritual a bússola para, a bordo do Bem, navegar com segurança em todos os mares da dúvida humana e em todos os tempos futuros: o Espiritismo! Cumpria-se a promessa de Jesus, quanto às revelações que seriam trazidas pelo Consolador.

A Doutrina dos Espíritos, na verdade, aportou na Terra em grande parte decorrente das evocações, tão ajuizadamente realizadas por Kardec!

6. Evocações dos animais

283. Evocações dos animais

36ª Pode evocar-se o Espírito de um animal?

“Depois da morte do animal, o princípio inteligente que nele havia se acha em estado latente e é logo utilizado, por certos Espíritos incumbidos disso, para animar novos seres, em os quais continua ele a obra de sua elaboração. Assim, no mundo dos Espíritos, não há, errantes, Espíritos de animais, porém unicamente Espíritos humanos.”

a) Como é então que, tendo evocado animais, algumas pessoas não obtido resposta?

“Evoca um rochedo e ele te responderá. Há sempre uma multidão de Espíritos prontos a tomar a palavra, sob qualquer pretexto.”

Nota. Pela mesma razão, se se evocar um mito, ou uma personagem alegórica, ela responderá, isto é, responderão por ela, e o Espírito que, como sendo ela, se apresentar, lhe tomará o caráter e as maneiras. Alguém teve um dia a idéia de evocar Tartufo e Tartufo veio logo. Mais ainda: falou de Orgon, de Elmira, de Dâmide e de Valéria, de quem deu notícias. Quanto a si próprio, imitou o hipócrita com tanta arte, que se diria o próprio Tartufo, se este houvera existido. Disse mais tarde ser o Espírito de um ator que desempenhara esse papel. Os Espíritos levianos se aproveitam sempre da inexperiência dos interrogantes; guardam-se, porém, de dirigir-se aos que eles sabem bastante esclarecidos para lhes descobrir as imposturas e que não lhes dariam crédito aos contos. O mesmo sucede entre os homens.

Um senhor tinha em seu jardim um ninho de pintassilgos, pelos quais se interessava muito. Certo dia, desapareceu o ninho. Tendo-se certificado de que ninguém da sua casa era culpado do delito, como fosse ele médium, teve a idéia de evocar a mãe das avezinhas. Ela veio e lhe disse em muito bom francês: “A ninguém acuses e tranquiliza-te quanto à sorte de meus filhinhos; foi o gato que, saltando, derribou o ninho; encontrá-lo ás debaixo dos arbustos, assim como os passarinhos, que não foram comidos.” Feita a verificação, reconheceu ele exato o que lhe fora dito. Dever-se-á concluir ter sido o pássaro quem respondeu? Certamente que não; mas, apenas, um Espírito que conhecia a história. Isso prova quanto se deve desconfiar das aparências e quanto é preciosa a resposta acima: evoca um rochedo e ele te responderá (Veja-se atrás o capítulo Da Mediunidade nos animais, nº 234.)

Crônicas e Artigos

297 – 03/02/2013

O Consolador (Eurípedes Kuhl)

VI. Evocação dos animais

Evocação dos animais

Resumo:

Respeitáveis autores espíritas, desencarnados, aduziram informações sobre os animais no reino espiritual:

1. Allan Kardec:

– sob orientação de Inteligências Celestes, registrou às questões 598 a 600, de “O Livro dos Espíritos”, que os animais, ao morrer, mantêm sua individualidade, permanecendo em vida latente sob cuidados de Espíritos especializados, que os classificam e agrupam; nos animais a reencarnação não se demora;

2. André Luiz:

– narra no Cap. XII do livro que já citei — “Evolução em Dois Mundos” — que, após a morte, os animais têm dilatado o seu “período de vida latente” no Plano Espiritual, caindo em pesada letargia, qual hibernação, de onde serão genésicamente atraídos às famílias da sua espécie, às quais se ajustam.

Essa informação considero-a fundamental para o entendimento de como os animais vivem no Plano Espiritual, aguardando a próxima reencarnação. Kardec registrou que após a morte os animais são classificados e impedidos de se relacionarem com outras criaturas; André Luiz, agora, diz a mesma coisa, de outra forma, ao mencionar que os animais que não são destacados para alguma tarefa, entram em hibernação e logo reencarnam.

Depreendo, assim, que no mundo espiritual os animais não utilizados em alguns serviços, não têm vida consciente, mas vegetativa, e isso responde à pergunta de como vivem lá: sem qualquer relacionamento, uns com os outros; assim, não havendo ação de predadores inexistem presas; mantidos em hibernação não se alimentam, não brigam, não reproduzem, não se deslocam.

– reporta à presença de alguns animais em atividade no mundo espiritual, como, por exemplo, aves, cães, cavalos, íbis viajores, muares. Alguns são “escalados” para tarefas diversificadas (cães e cavalos, na maioria das vezes, como se vê, respectivamente, em “Nosso Lar”, Cap. 33, p. 183, 48ª Ed., 1998, e em “Os Mensageiros”, Cap. 28, p. 149, 9ª Ed., 1975 – ambas as obras psicografadas por F. C. Xavier, Ed. FEB, RJ/RJ);

– menciona, ainda em “Nosso Lar”, Cap. 33, p. 184, sobre a existência no plano espiritual de “Parques de estudo e experimentação”, referentes a animais, sendo que sobre eles há valiosas lições no Ministério do Esclarecimento. O autor espiritual não deu detalhes.

3. Marcel Benedeti, médico veterinário, desencarnado aos 47 anos em 1º. Fev. 2010, notabilizou-se como escritor espírita e dedicado defensor dos animais. Dentre suas inúmeras atividades em prol dos animais, destaco vários livros nos quais, sob inspiração de um Protetor espiritual, deixou registradas inéditas, quanto preciosas informações da vida dos animais no mundo espiritual. Nessas obras Marcel narra a existência de colônias específicas para animais no mundo espiritual, constando que tal narração é inédita. A descrição e os detalhes dessas colônias trazem em seu bojo um panorama de atividades zoófilas, a cargo de Espíritos que amam os animais. De forma comvente são narradas atividades de atendimento e carinho aos incontáveis animais que aportam no mundo espiritual, em estado de necessidade, trazendo no corpo perispiritual dolorosas marcas da insensatez e crueldade humanas.

De antemão fica explícito que as narrações de Marcel, de alguma forma, ampliam a informação do Espírito André Luiz referente a animais no mundo espiritual, particularmente sobre os “parques de estudo e experimentação”, ambas as fontes trazendo o selo da Bondade da Providência Divina para com todos os seres da criação.

Encerrando estas já não breves reflexões, como suposição, creio firmemente que dentro do quadro de animais domésticos desencarnados, que foram amados por seus donos, sabendo que

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXV)

por pouco tempo permanecem no plano espiritual, há a probabilidade de àquele convívio terreno retornarem, a breve tempo após a desencarnação. Um sinal disso seria a chegada de novo animal no lar. Embora com os automatismos biológicos específicos da espécie, tem comportamento individual diferenciado, igualzinho ao daquele que morava ali anteriormente e há algum tempo foi para a outra margem do Rio da Vida.

O bondoso Chico Xavier, consolando duas senhoras aflitas que o procuraram, lamentando a morte do cachorrinho de estimação, disse-lhes: “quando nossos animais domésticos morrem, é comum eles ficarem em nossas casas. Eles também têm alma. Os Espíritos que cuidam da natureza costumam deixá-los por algum tempo na casa do dono, até que possam nascer novamente”.

7. Evocações das pessoas vivas

284. Evocação das pessoas vivas

37ª A encarnação do Espírito constitui obstáculo à sua evocação?

“Não, mas é necessário que o estado do corpo permita que no momento da evocação o Espírito se desprenda. Com tanto mais facilidade vem o Espírito encarnado, quanto mais elevado for em categoria o mundo onde ele está, porque menos materiais são lá os corpos.”

38ª Pode evocar-se o Espírito de uma pessoa viva?

“Pode-se, visto que se pode evocar um Espírito encarnado. O Espírito de um vivo também pode, em seus momentos de liberdade, se apresentar sem ser evocado; isto depende da simpatia que tenha pelas pessoas com quem se comunica.” (Veja-se, em nº 116, a História do homem da tabaqueira.)

39ª Em que estado se acha o corpo da pessoa cujo Espírito é evocado?

“Dorme, ou cochila; é quando o Espírito está livre.”

a) Poderia o corpo despertar enquanto o Espírito está ausente?

“Não; o Espírito é forçado a reentrar na sua habitação; se, no momento, ele estiver confabulando convosco, deixa-vos e às vezes diz por que motivo.”

40ª Como, estando ausente do corpo, o Espírito é avisado da necessidade da sua presença?

“O Espírito jamais está completamente, separado do corpo vivo em que habita; qualquer que seja a distância a que se transporte, a ele se conserva ligado por um laço fluídico que serve para chamá-lo, quando se torne preciso. Esse laço só a morte o rompe.”

Nota. Esse laço fluídico há sido muitas vezes percebido por médiuns videntes. É uma espécie de cauda fosforescente que se perde no Espaço e na direção do corpo. Alguns Espíritos não dito que por aí é que reconhecem os que ainda se acham presos ao mundo corporal.

41ª Que sucederia se, durante o sono e na ausência do Espírito, o corpo fosse mortalmente ferido?

“O Espírito seria avisado e voltaria antes que a morte se consumasse.”

a) Assim, não poderá dar-se que o corpo morra na ausência do Espírito e que este, ao voltar, não possa entrar?

“Não; seria contrário à lei que rege a união da alma e do corpo.”

b) Mas, se o golpe for dado subitamente e de improviso?

“O Espírito será prevenido antes que o golpe mortal seja vibrado.”

Nota. Interrogado sobre este fato, respondeu o Espírito de um vivo: “Se o corpo pudesse morrer na ausência do Espírito, este seria um meio muito cômodo de se cometerem suicídios hipócritas.”

42ª O Espírito de uma pessoa evocada durante o sono é tão livre de se comunicar como o de uma pessoa morta?

“Não; a matéria sempre o influencia mais ou menos.”

Nota. Uma pessoa, que se achava nesse estado e a quem foi feita essa pergunta, respondeu: Estou sempre ligada à grilheta que arrasto comigo.

a) Nesse estado, poderia o Espírito ser impedido de vir, por se achar em outra parte?

“Sim, pode acontecer que o Espírito esteja num lugar onde lhe apraza permanecer e então não acode à evocação, sobretudo quando feita por quem não o interesse.”

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXV)

43ª É absolutamente impossível evocar-se o Espírito de uma pessoa acordada?

“Ainda que difícil, não é absolutamente impossível, porquanto, se a evocação produz efeito, pode dar-se que a pessoa adormeça; mas, o Espírito não pode comunicar-se, como Espírito, senão nos momentos em que a sua presença não é necessária à atividade inteligente do corpo.”

Nota. A experiência prova que a evocação feita durante o estado de vigília pode provocar o sono, ou, pelo menos, um torpor aproximado do sono, mas semelhante efeito não se pode produzir senão por ato de uma vontade muito enérgica e se existirem laços de simpatia entre as duas pessoas; de outro modo, a evocação nenhum resultado dá. Mesmo no caso de a evocação poder provocar o sono, se o momento é inoportuno, a pessoa, não querendo dormir, oporá resistência e, se sucumbir, seu Espírito ficará perturbado e dificilmente responderá. Segue-se daí que o momento mais favorável para a evocação de uma pessoa viva é o do sono natural, porque, estando livre, seu Espírito pode vir ter com aquele que o chama, do mesmo modo que poderá ir algures. Quando a evocação é feita com consentimento da pessoa e esta procura dormir para esse efeito, pode acontecer que essa preocupação retarde o sono e perturbe o Espírito. Por isso, o sono não forçado é sempre preferível.

44ª Evocada, uma pessoa viva conserva a lembrança da evocação, depois de despertar?

“Não; vós mesmos o sois mais frequentemente do que pensais. Só o Espírito o sabe, podendo às vezes deixar do fato uma impressão vaga, qual a de um sonho.”

a) Quem pode evocar-nos, sendo nós, como somos, seres obscuros?

“Pode suceder que em outras existências tenhais sido pessoas conhecidas nesse mundo, ou em outros. Podem fazê-lo igualmente vossos parentes e amigos nesse mundo, ou em outros. Suponhamos que teu Espírito tenha animado o corpo do pai de outra pessoa. Pois bem, quando essa pessoa evocar seu pai, é teu Espírito que será evocado e quem responderá.”

45ª Evocado o Espírito de uma pessoa viva, responde ele como Espírito, ou com as idéias que tem no estado de vigília?

“Isso depende da sua elevação; porém, sempre julga com mais ponderação e tem menos prejuízos, exatamente como os sonâmbulos; é um estado quase semelhante.”

46ª Se fosse evocado no estado de sono magnético, o Espírito de um sonâmbulo seria mais lúcido do que o de qualquer outra pessoa?

“Responderia sem dúvida mais facilmente, por estar mais desprendido; tudo decorre do grau de independência do Espírito com relação ao corpo.”

a) Poderia o Espírito de um sonâmbulo responder a uma pessoa que o evocasse a distância, ao mesmo tempo que respondesse verbalmente a outra pessoa?

“A faculdade de se comunicar simultaneamente em dois pontos diferentes só a têm os Espíritos completamente desprendidos da matéria.”

47ª Poder-se-iam modificar as idéias de uma pessoa em estado de vigília, atuando-se sobre o seu Espírito durante o sono?

“Algumas vezes, será possível. Não estando o Espírito então preso à matéria por laços tão estreitos, mais acessível se acha às impressões morais e essas impressões podem influir sobre a sua maneira de ver no estado ordinário. Infelizmente, acontece com freqüência que, ao despertar ele, a natureza corpórea predomina e lhe faz esquecer as boas resoluções que haja tomado.”

48ª É livre, o Espírito de uma pessoa viva, de dizer o que queira?

“Ele tem suas faculdades de Espírito e, por conseguinte, seu livre-arbítrio; e, como então dispõe de mais perspicácia, se mostra mais circunspecto do que no estado de vigília.”

49ª Poder-se-ia, evocando-a, constranger uma pessoa a dizer o que quisesse calar?

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXV)

“Eu disse que o Espírito tem o seu livre-arbítrio; pode, porém, dar-se que, como Espírito, a pessoa ligue menos importância a certas coisas do que no estado ordinário, podendo então sua consciência falar mais livremente. Demais, se ela não quiser falar, poderá sempre fugir às importunações, indo-se o seu Espírito embora, porquanto ninguém pode reter um Espírito, como se lhe retém o corpo.”

50ª Poderia o Espírito de uma pessoa viva ser constringido, por outro Espírito, a vir e falar, como se dá com os Espíritos errantes?

“Entre os Espíritos, sejam de mortos, ou de vivos, não há supremacia senão por efeito da superioridade moral e bem deves compreender que um Espírito superior jamais prestaria apoio a uma covarde indiscrição.”

Nota. Este abuso de confiança seria, efetivamente, uma ação má, mas que nenhum resultado poderia produzir, pois que não há meio de arrancar-se um segredo ao Espírito que o queira guardar, a menos que, dominado por um sentimento de justiça, confessasse o que em outras circunstâncias calaria.

Uma pessoa quis saber, por esse modo, de um de seus parentes, se o testamento que por este fora feito era a seu favor. O Espírito respondeu: “Sim, minha cara sobrinha, e terás em breve a prova.” A coisa era, de fato, real; mas, poucos dias depois, o parente destruiu seu testamento e teve a malícia de fazer disso ciente a pessoa, sem que, entretanto, haja sabido que esta, o evocara. Um sentimento instintivo o levou sem dúvida a executar a resolução que seu Espírito tomara, de acordo com a pergunta que lhe fora feita. Há covardia em perguntar-se ao Espírito de um morto ou de um vivo o que se não ousaria perguntar à sua pessoa, covardia essa que nem mesmo tem, por compensação, o resultado que se pretende.

51ª Pode evocar-se um Espírito cujo corpo ainda se ache no seio materno?

“Não; bem sabes que nesse momento o Espírito está em completa perturbação.”

Nota. A encarnação não se torna definitiva senão no momento em que a criança respira; porém, desde a concepção do corpo, o Espírito designado para animá-lo é presa de uma perturbação que aumenta à medida que o nascimento se aproxima e lhe tira a consciência de si mesmo e, por conseguinte, a faculdade de responder. (Veja-se: O Livro dos Espíritos: “Da volta do Espírito à vida corporal. — União da alma e do corpo”, nº 344.)

52ª Poderia um Espírito mistificador tomar o lugar de uma pessoa viva que se evocasse?

“É fora de dúvida que sim e isso acontece frequentemente, sobretudo quando não é pura a intenção do evocador. Em suma, a evocação das pessoas vivas só tem interesse como estudo psicológico. Convém que dela vos abstenhais sempre que não possa ter um resultado instrutivo.”

Nota. Se a evocação dos Espíritos errantes nem sempre dá resultado, conforme expressão usada por eles, muito mais frequente é que assim aconteça com a dos que estão encarnados. Então, sobretudo, é que os Espíritos mistificadores se apresentam, em lugar dos evocados.

53ª Tem inconvenientes a evocação de uma pessoa viva?

“Nem sempre é sem perigo, dependendo isso das condições em que se ache a pessoa, porquanto, se estiver doente, poderá aumentar-lhe os sofrimentos.”

54ª Em que caso será mais inconveniente a evocação de uma pessoa viva?

“Não devem evocar-se as crianças de tenra idade, nem as pessoas gravemente doentes, nem, ainda, os velhos enfermos. Numa palavra, ela pode ter inconvenientes todas as vezes que o corpo esteja muito enfraquecido.”

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXV)

Nota. A brusca suspensão das qualidades intelectuais, durante o estado de vigília, também poderia oferecer perigo, se a pessoa nesse momento precisasse de toda a sua presença de espírito.

55ª Durante a evocação de uma pessoa viva, seu corpo, embora ausente, experimenta fadiga por efeito do trabalho a que se entrega seu Espírito?

Uma pessoa, que se encontrava nesse estado e que pretendia que seu corpo se fatigava, respondeu assim a essa pergunta:

“Meu Espírito é como um balão cativo preso a um poste; meu corpo é o poste, que as oscilações do balão sacodem.”

56ª Pois que a evocação das pessoas vivas pode ter inconvenientes, quando feitas sem precaução, deixa de existir perigo quando se evoca um Espírito que não se sabe se está encarnado e que poderia não se encontrar em condições favoráveis?

“Não, as circunstâncias não são as mesmas. Ele só virá, se estiver em condições de fazê-lo. Aliás, eu já não vos disse que perguntásseis, antes de fazer uma evocação, se ela é possível?”

57ª Quando, nos momentos mais inoportunos, experimentamos irresistível vontade de dormir, provirá isso de estarmos sendo evocados nalguma parte?

“Pode, sem dúvida, acontecer que assim seja; porém, as mais das vezes, não há nisso senão um efeito físico, quer porque o corpo tenha necessidade de repouso, quer porque o Espírito precise da sua liberdade.”

Nota. Uma senhora de nosso conhecimento, médium, teve um dia a idéia de evocar o Espírito de seu neto, que dormia no mesmo quarto. A identidade foi comprovada pela linguagem, pelas expressões habituais da criança e pela narração exatíssima de muitas coisas que lhe tinham sucedido no colégio; mas, ainda uma circunstância a veio confirmar. De repente, a mão da médium pára em meio de uma frase, sem que seja possível obter-se mais coisa alguma. Nesse momento, a criança, meio despertada, fez diversos movimentos na sua cama. Alguns instantes depois, tendo novamente adormecido, a mão da médium começou a mover-se outra vez, continuando a conversa interrompida. A evocação das pessoas vivas, feita em boas condições, prova, da maneira menos contestável, a ação do Espírito distinta da do corpo e, por conseguinte, a existência de um princípio inteligente independente da matéria. (Veja-se, na Revue Spirite de 1860, páginas 11 e 81, muitos exemplos notáveis de evocação de pessoas vivas.)

Estudos

MD Estudos Espíritas

VII. Evocação de pessoas vivas

Evocação de pessoas vivas

A encarnação de um Espírito, não constitui nenhum obstáculo à sua evocação – sendo apenas necessário que o estado do corpo permita no momento da evocação que o Espírito se desprenda.

O Espírito de um encarnado em seus momentos de liberdade pode se apresentar sem ser evocado – dependendo da simpatia que tenha com quem se comunica.

Normalmente o corpo do evocado – dorme ou cochila – quando o Espírito está livre

Em caso de acidente – tipo – se o corpo fosse ferido mortalmente – o que acontece?

O Espírito seria avisado e estaria de volta antes que a morte acontecesse.

O corpo não poderia morrer na ausência do Espírito – visto que seria contrário à lei que rege a união da alma e do corpo.

O Espírito de um vivo respondeu sobre este fato – mencionando que seria muito cômodo de se cometer suicídios hipócritas.

O Espírito de uma pessoa evocada durante o sono, não está totalmente livre para se comunicar – por causa da matéria.

Existem inconvenientes evocando-se uma pessoa viva – dependendo do seu estado físico – se estiver doente poderá acrescentar-lhe sofrimentos.

Não se deve evocar as crianças de tenra idade – nem pessoas gravemente doentes – nem velhos enfermos – resumindo – pode não ser bom quando o corpo está enfraquecido.

8. Telegrafia humana

285. Telegrafia humana

58ª Evocando-se reciprocamente, poderiam duas pessoas transmitir de uma a outra, seus pensamentos e corresponder-se?

“Certamente, e essa telegrafia humana será um dia um meio universal de correspondência.”

a) Por que não será praticada desde já?

“É praticável para certas pessoas, mas não para toda gente. Preciso é que os homens se depurem, a fim de que seus Espíritos se desprendam da matéria e isso constitui uma razão a mais para que a evocação se faça em nome de Deus. Até lá, continuará circunscrita às almas de escol e desmaterializadas, o que raramente se encontra nesse mundo, dado o estado dos habitantes da Terra.”

Crônicas e Artigos

315 – 09/06/2013

O Consolador – (Josué Douglas Rodrigues)

VIII. Telegrafia humana

O pensamento

Formações fluídicas, forças ideoplásticas, formas-pensamento são expressões que compõem a literatura espírita clássica, que inclui, além da obra basilar de Allan Kardec, psicografias de Francisco Cândido Xavier pelo Espírito de André Luiz, estudos desenvolvidos por Ernesto Bozzano e muitos outros. O aspecto essencial dessas expressões fixa-se na capacidade própria do pensamento de interferir nas realidades físicas e psíquicas do próprio indivíduo e do ambiente que o cerca. Essa interferência pode manifestar-se, por exemplo, sob a forma de cura, refazimento físico e psíquico, além da transmissão de eflúvios balsâmicos tranquilizantes e reanimadores para almas debilitadas ou, ainda, como manipulação da matéria bruta, própria da crosta terrestre, ou, então, da matéria sutil, comum no plano espiritual, sempre de acordo com objetivos específicos.

Kardec demonstra com maestria o alcance e as consequências do pensamento:

“Um pensamento superior, bem pensado, se me é permitido servir-me desta expressão, pode, segundo a sua força e elevação, impressionar mais ou menos a homens que nenhuma consciência tenham de se achar sob a sua influência; e também, muitas vezes, aquele que o emite não tem consciência do efeito que o seu pensamento vai produzir. É um jogo constante das inteligências humanas, resultante da ação recíproca de uma sobre as outras. Juntai a isto a ação dos desencarnados e calculai, se puderdes, a alta potência desta força composta de tantas forças reunidas”.

“Se fosse possível pôr em evidência o imenso mecanismo que o pensamento põe em atividade, e os efeitos que produz, de um para outro grupo e, enfim, a ação universal dos pensamentos dos homens, uns sobre os outros, o homem ficaria deslumbrado, sentir-se-ia amesquinhado diante desta infinidade de circunstâncias, diante dessa rede infinita; tudo ligado por uma poderosa vontade e agindo harmonicamente para um único fim: o progresso universal.”

(Do livro “Obras Póstumas”, no capítulo: “Introdução ao Estudo da Fotografia e da Telegrafia do Pensamento”.)

Ainda a esse respeito, André Luiz nos traz, através da psicografia de Francisco Cândido Xavier, informações de seu instrutor no plano espiritual:

“O pensamento é, sem dúvida, força criadora de nossa própria alma e, por isto mesmo, é a continuação de nós mesmos. Através dele, atuamos no meio em que vivemos e agimos, estabelecendo o padrão de nossa influência, no bem ou no mal”.

(Do livro “Libertação”, no capítulo XVII: “Assistência Fraternal”.)

O próprio André Luiz, em psicografia de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, aprofunda as reflexões sobre o tema:

“A partícula de pensamento, pois, como corpúsculo fluídico, tanto quanto o átomo, é uma unidade na essência, a subdividir-se, porém, em diversos tipos, conforme a quantidade, qualidade, comportamento e trajetórias dos componentes que a integram”.

“E assim como o átomo é uma força viva e poderosa na própria contextura, passiva, entretanto, diante da inteligência que a mobiliza para o bem ou para o mal, a partícula de pensamento, embora viva e poderosa na composição em que se derrama do Espírito que a produz, é igualmente passiva perante o sentimento que lhe dá forma e natureza para o bem ou para o mal, convertendo-se, por acumulação, em fluido gravitante ou libertador, ácido ou balsâmico, doce ou amargo, alimentício ou esgotante, vivificador ou mortífero, segundo a força do sentimento que o tipifica e configura, nomeável, à falta de terminologia

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXV)

equivalente, como ‘raio da emoção’ ou ‘raio do desejo’, força essa que lhe opera a diferenciação de massa e trajeto, impacto e estrutura.”

(Do livro “Evolução em Dois Mundos”, capítulo XIII: “Alma e Fluidos”, item referente à “Reflexão das Ideias”.)

Já para os Espíritos libertos do invólucro carnal, o pensamento age de uma forma própria desse estado, o que é descrito com clareza em “A Gênese”, capítulo XIV, item 14:

“Os Espíritos agem sobre os fluidos espirituais, não que os manipulem como os homens manipulam os gases, mas com o auxílio do pensamento e da vontade. O pensamento e a vontade são para os Espíritos aquilo que a mão é para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem a tais fluidos esta ou aquela direção; eles os aglomeram, os combinam ou os dispersam; formam, com esses materiais, conjuntos que tenham uma aparência, uma forma, uma cor determinadas; mudam suas propriedades como um químico altera as propriedades dos gases ou de outros corpos, combinando-os segundo determinadas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual”.

“Algumas vezes, essas transformações são, resultado de uma intenção; frequentemente, são o produto de um pensamento inconsciente; basta ao Espírito pensar numa coisa para que tal coisa se produza, assim como basta modular uma ária para que a música repercuta na atmosfera.”

Inferem-se de tais ensinamentos, o extraordinário poder e abrangência do pensamento e, se tal ocorre com os meios físicos e psíquicos externos ao indivíduo, quão decisiva será a influência do mesmo nas resoluções nobres e elevadas, tomadas com firmeza e determinação pelo mesmo, e quão exposto estará o incauto, que não tome a rédea dos próprios pensamentos, abrindo-se, dessa forma, ao assédio de forças nocivas criadas e acalentadas por ele próprio e por terceiros? Enfim, o pensamento é dádiva divina a ser administrada com dedicação suprema. Sobre isso o nobre Espírito Joanna de Ângelis esclarece:

“Por motivos óbvios, somente o ser humano pensa, é capaz de compreender abstrações, de conceber e antever o que lhe ocorre nos painéis da mente, e que pode materializar posteriormente através do empenho e da dedicação na construção das ideias”.

“Mediante o pensamento bem, ordenado, todo o constructo do ser humano avança pelas vias formosas da saúde e da edificação interior, alcançando o elevado patamar da individuação.”

(Do livro “Em Busca da Verdade”, pelo Espírito Joanna de Ângelis, psicografado por Divaldo P. Franco.)

Assim sendo, o pensamento, esse poderoso dom divino, que é parte da própria essência do espírito humano, está presente de forma ininterrupta em nosso cotidiano. Não estarmos atentos e vigilantes quanto a isso pode ser desastroso! Sentimentos negativos de raiva, tristeza e frustração, dentre outros, aos quais muitas vezes somos levados de forma quase inconsciente, são fontes de dispersão de energias poderosas, que afetam de maneira significativa, não somente os que nos rodeiam, como também e, sobretudo, aqueles que os mantêm. Da mesma forma, disposições internas edificantes de honestidade e de bondade são invariavelmente respaldadas e ampliadas por forças provenientes, não somente desses pensamentos, mas também pela contribuição de Espíritos afins, que nos secundam de forma pronta e eficaz.

Mais uma vez, os alertas do Mestre Jesus mostram-se indispensáveis ao longo de nossa caminhada evolutiva. **Orar e vigiar** são providências essenciais para que possamos utilizar de forma livre, consciente e construtiva esse magnífico poder que recebemos gratuita e amorosamente do Pai Criador, caso contrário seremos vítimas incautas de nossa própria displicência.